

## Rede de Socioeconomia da Agricultura

**Coordenador:** Guilherme Cunha Malafaia, Embrapa

**Apresentadores:** Guilherme Cunha Malafaia, Embrapa; Pedro Abel Vieira, Embrapa; Roberto Manolio Valladão Flores, Embrapa

### Justificativa

A questão da sustentabilidade tem sido a tônica mundial. No caso do Brasil, Tecnologia, Energias Renováveis e Financiamento Verde serão os vetores do desenvolvimento socioeconômico. O tema não é novo e, historicamente, é entendido como a capacidade de um sistema suprir as necessidades socioeconômicas atuais sem comprometer o futuro. É um conceito que, portanto, envolve, além da dimensão social, a dimensão ambiental tendo como variável de ajuste a dimensão econômica. Apesar de alguns problemas, são vários os indicadores que atestam a sustentabilidade da agricultura brasileira. Todavia, alguns sinais, a exemplo da estagnação da produtividade e das mudanças do clima, indicam que são necessárias novas iniciativas para manter o dinamismo do setor agrícola nacional. Além disso, restam muitos desafios a serem enfrentados, a exemplo da inclusão produtiva de um grande contingente de produtores ainda à margem do processo de inovação e as crescentes exigências em sustentabilidade. Esses enormes desafios se somam à necessidade de prover ganhos de produtividade e eficiência para que o País possa continuar a concorrer no mercado internacional ao mesmo tempo em que mantém uma oferta interna que atenda às necessidades da sociedade brasileira. Em outras palavras, o Brasil necessita de uma instituição dedicada à produção de estudos estratégicos que antecipem tendências e questões emergentes do Brasil rural. A proposta de uma Rede Socioeconomia da Agricultura que agregue as várias instituições baseia-se na premissa que as prioridades da área de socioeconomia demandam o reposicionamento e o revigoramento institucional, em virtude da necessidade de enfrentar os desafios e melhor explorar as oportunidades.

## Resumos Expandidos:

### 1. A agricultura brasileira carece de uma Rede de Socioeconomia? Pedro Abel Vieira

#### 1. Introdução e Fundamentação Teórica

Entre as crenças mais universais está o conceito de “o bem versus o mal”. Embora as definições dos termos bem e mal variem, assim como as opiniões sobre como interagem, todas as culturas em todas as épocas têm mantido alguma versão dessa luta. Atualmente, tem sido comum a polarização a partir de fatos do cotidiano, especialmente aqueles cujas causas são multidimensionais, independente da natureza científica. Um exemplo socioeconômico clássico é a tensão entre os setores público e privado decorrente dos valores que orientam a ação de um e de outro. No âmbito privado, o lucro é uma resultante necessária e imperativa na avaliação de uma empresa para o desenvolvimento econômico, social e individual. A ideia central do setor privado é que gerar o lucro é condição do desenvolvimento, portanto, é gerador de bem-estar para a sociedade pela criação de empregos e melhores salários. Já a atuação estatal é pautada por uma função orientadora e reguladora da atividade privada – frequentemente impondo limites a ela – resultando em significativo papel do Estado no desenvolvimento do país (PINTO e COSTA, 2015).

Apesar de clara a complementariedade entre as atuações pública e privada, há grande divergência na forma como os agentes reagem a essas pressões. Nesse contexto de que, mesmo o mais racional entre nós discordará sobre o significado dos ‘fatos’, as decisões dos indivíduos são tão, ou mais, dependentes da percepção e das expectativas do que dos dados empíricos gerados pela ciência. Porém, sem a ciência e os dados, não é possível ao indivíduo formular, e até aprimorar, as suas decisões atribuindo alguma previsibilidade ao investimento ao alinhar as decisões individuais. Ou seja, o melhor para cada indivíduo e, portanto, suas escolhas, dependem das ‘regras do jogo’, consequentemente, para o bom funcionamento da economia, são necessárias regras que incentivem os indivíduos a fazerem escolhas que contribuam com o coletivo em detrimento do risco (ARIAS et al, 2015).

Vários países, a exemplo dos Estados Unidos da América, dispõem de instituições dedicadas a prover a sociedade de informações e estudos que subsidiem aos agentes econômicos, principalmente ao próprio governo, as tomadas de decisões. No caso dos EUA, um exemplo ligado à agricultura, é o *Economic Research Service* (ERS) do *United States Department of Agriculture* (USDA). A missão do ERS é antecipar tendências e questões emergentes na agricultura, alimentação, meio ambiente e meio rural por meio de pesquisas socioeconômicas objetivas que deem suporte às tomadas de decisões públicas e privadas. O trabalho do ERS abrange uma ampla gama de tópicos socioeconômicos incluindo: Economia Agrícola, Alimentos e nutrição, Segurança alimentar, Mercados e comércio globais, Recursos e meio ambiente e Economia rural (ERS, 2025).

No caso da agricultura brasileira (Agro), de um lado festejado como o ‘salvador da pátria’, de outro lado acusado de uma dinâmica regressiva e calcada na sobre-exploração social e dos recursos naturais a crescente polarização já provocou inúmeras consequências. Um exemplo emblemático da “guerra de narrativas” é o papel da agricultura familiar na produção de alimentos que, apropriada politicamente no contexto de disputas legítimas de grupos sociais, deu origem à narrativa de que a agricultura familiar respondia por 70% da produção de alimentos no Brasil. Essa narrativa contribuiu para uma segunda narrativa que opõe a agricultura familiar ao agronegócio, a primeira produtora de alimentos que garante a

segurança alimentar do brasileiro e a segundo voltado para produção de commodities para atender o mercado externo (BUAINAIN e VIEIRA JUNIOR, 2024).

Independente dos exageros e das ideologias que permeiam essas afirmações, a evolução da Produtividade Total dos Fatores (PTF) de produção, assim como outros indicadores de desempenho, sugere que a agricultura brasileira está entre as mais eficientes e competitivas do planeta, sendo a única com domínio de tecnologias para agricultura em ambiente tropical (GASQUES et al, 2020).

Essa dinâmica exitosa foi possível graças às políticas públicas destinadas ao setor, à capacidade e empreendedorismo dos produtores nacionais e à implementação de um sistema nacional de pesquisa agropecuária, liderado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Além das contribuições positivas no campo econômico, a agricultura brasileira tem se mostrada prodiga na mitigação ambiental. Cita-se como exemplo que, enquanto a PTF da agricultura brasileira cresceu cerca de 3,4% ao ano nos últimos 2º anos, as emissões de Gases do Efeito Estufa aumentaram 1,7% ao ano no mesmo período.

## 2. Resultados e Discussão

O período de avanços da agricultura brasileira calcada no uso intensivo de tecnologia, que depende fundamentalmente das chamadas ‘ciências duras’ (biologia, química e física) esta encontrando limites. Além da necessidade de incorporar conhecimentos das ‘outras ciências’, notadamente as sociais, a agricultura brasileira demandará cada vez mais serviços e interações com a produção industrial. Afinal, não basta gerar tecnologia para aumentar a produção de grãos ou de carnes, é necessário avaliar a percepção dos diversos agentes sociais sobre essa produção bem como suas interações com a indústria e os serviços.

Não há dúvidas de que o setor privado se esforçará, para que o resultado da agricultura seja positivo, no entanto, o futuro depende da correta interpretação de inúmeras variáveis para compor cenários realísticos. Os condicionantes de crescimento no médio e no longos prazos também não devem esquecer, afinal, vários especialistas vêm alertando sobre o esgotamento da dinâmica da agricultura brasileira calcada no atual ciclo de commodities com predominância dos grãos, notadamente a soja cuja participação no Valor Bruto da Produção Agropecuária nos últimos vinte anos passou de 14% para 27%. As perspectivas são de lento arrefecimento no chamado ‘super ciclo das commodities’ durante a próxima década, assim, o que fazer para garantir a pujança da atual agricultura brasileira calcada em grãos e carnes?

É consenso que o futuro da agricultura brasileira passa pela sustentabilidade ambiental, mas quais os caminhos a serem perseguidos?

Para alguns, o caminho é a intensificação tecnológica da produtividade. Para outros, o caminho é a diversificação da produção -em especial com frutas, hortaliças e leite- aproveitando a base da agricultura tropical desenvolvida pelo Brasil. A questão em ambos os casos é o que fazer com as atuais produções (grãos, carnes, algodão, café, açúcar, suco de laranja e bioenergia) nas quais o Brasil é referência mundial? Uma opção é a agregação de valor por meio da industrialização dessa produção para substituição dos combustíveis e polímeros fósseis por combustíveis e polímeros renováveis.

Não há dúvidas de que o Brasil desenvolveu as capacitações básicas para sustentar o crescimento da agricultura e atender as expectativas de atender parte da demanda futura de alimento e gerar riqueza e bem estar à sua população. Mas este jogo não é disputado apenas com base nas competências básicas, disponibilidade de terras, tecnologia e *know how*. Envolve também uma dimensão política, que no final determina as regras do jogo e as condições de competir no mercado mundial. A questão que se coloca é se o país está de fato preparado, ou, pelo menos, se preparando, para o pesado jogo da política internacional que, cada vez mais, afeta o comércio agrícola global. Assim, fica o alerta sobre a necessidade de a

agricultura brasileira fortalecer a sua ‘inteligência’. Afinal, os questionamentos sobre a importância da agricultura brasileira para o desenvolvimento do país, tanto de curto quanto de longo prazo, são muitos e complexos envolvendo desde a questão ambiental até a social, passando pela integração industrial das cadeias de valor. Isso sem contar que o setor carece de ações em segurança no campo, na melhoria da infraestrutura (transporte, armazenamento, energia e comunicação), na pesquisa, na defesa agropecuária e no comércio internacional.

A lacuna de ‘inteligência’ vivida pela agricultura brasileira não é um caso único, vários países em diferentes áreas vivem esse dilema. Como consequência, estão sendo desenvolvidas vários modelos de instituições que desempenham um papel de *advocacy* para políticas públicas, além de terem a capacidade de explicar, mobilizar e articular os atores. Essas instituições produzem pesquisas, análises e recomendações que contribuem para um ambiente de conhecimento, permitindo, inclusive, que os formadores de políticas públicas tenham ferramentas para tomar decisões mais embasadas, além de ter um papel importante na disseminação de conhecimento à sociedade. Desse modo, essas instituições cumprem um papel muito importante numa sociedade cada vez mais complexa de informação: fechar lacunas de conhecimento na sociedade, entre academia e sociedade, entre academia e o governo e até mesmo entre o governo e a sociedade.

### 3. Conclusões

No momento de crise fiscal no país não é adequado propor uma nova estrutura pública para ‘pensar’ a agricultura brasileira. Por outro lado, as novas tecnologias de informação e organização permitem formas mais flexíveis e arranjos que gerem resultados satisfatórios para os interesses do País. Há profissionais de diversas áreas do conhecimento bem qualificados nas instituições públicas e privadas do Brasil, o desafio é reuni-los para, com objetivos claros e posicionamento prático, encomendar estudos e debater os resultados de modo a indicar alocações de recursos prioritários à agricultura como importante vetor para o desenvolvimento do país. A presente proposta não é garantia de um bom funcionamento agricultura brasileira como vetor do desenvolvimento nacional, mas sim, o princípio de resposta a uma lacuna em um dos mais relevantes setores da economia do país.

### 4. Referências

- ARIAS, D.; MENDES, P.; VIEIRA, P.A. **Revisão Rápida e Integrada da Gestão de Riscos Agropecuários no Brasil**. Caminhos para uma visão integrada. Brasília: Banco Mundial, 2015 76p.
- BUAINAIN, A.M. VIEIRA, P.A. Fome: Um desafio para a ciência e a política. In: HUNGRIA, M. **Segurança alimentar e nutricional: o papel da ciência brasileira no combate à fome**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2024. p. 125-138.
- ERA - ECONOMIC RESEARCH SERVICE, U.S. DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **About ERS**. Disponível em <<https://www.ers.usda.gov/about-ers>> e consultado em 12 de Fevereiro de 2025.
- GASQUES, J. G. et al. Crescimento e produtividade da agricultura brasileira. In: VIEIRA FILHO, J. E. R.; GASQUES, J. G. (Org.). **Uma jornada pelos contrastes do Brasil: cem anos de Censo Agropecuário**. Brasília: Ipea, 2020. p. 107-120.
- PINTO, E. DE L.; COSTA, B.L.C. A distinção entre público e privado e sua caracterização no âmbito do Estado brasileiro. **Revista Digital de Direito Administrativo**, v. 2, n. 1, p. 311-323, 2015.

## **2. Redes Internacionais e Captação de Recursos Externos, Roberto Manolio Valladão Flores**

### **1. Introdução e Fundamentação Teórica**

A captação de recursos internacionais é uma estratégia vital para organizações e projetos que buscam expandir suas fronteiras e impactar globalmente. Os benefícios vão muito além do aspecto financeiro, especialmente na atualidade em que o progresso na velocidade de comunicação e na transferência de dados possibilita a flexibilidade necessária à adaptação a um amplo espectro de desafios emergentes. O trabalho em redes fornece uma aprendizagem compartilhada, novas oportunidades de investigações, o estabelecimento de novos projetos, aplicações conjuntas de fundos e transferência de tecnologia. Com esse ganho em profundidade e conteúdo, as colaborações aumentam, especialmente para países em desenvolvimento (PULJAK e SANDOR, 2015).

Outro ponto, cada vez mais relevante e que, inclusive, influencia na boa avaliação de um programa de pós-graduação, é a internacionalização, significando o intercâmbio entre estudantes e instituições internacionais. Na verdade, a internacionalização é um dos quesitos utilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na avaliação dos programas de pós-graduação nacionais. Além disso, o intercâmbio de alunos reforça um ponto extremamente vital para qualquer grupo de pesquisa que é a transferência de conhecimento (CUNHA-MELO, 2015)

Em resumo, a captação de recursos internacionais representa uma oportunidade inestimável para organizações que buscam expandir seus horizontes financeiros e suas competências científicas além das fronteiras nacionais. Além disso, a globalização promoveu as oportunidades para acessar financiamentos, subsídios, investimentos e doações internacionais. Quando se pensa na estruturação de uma rede interna de profissionais e projetos da área de economia e afins, é importante considerar a possibilidade da entrada da Embrapa em redes internacionais da mesma área. Há diversas redes com os principais países referências no agro mundial, onde projetos e bases de dados são compartilhados para o desenvolvimento de pesquisas e estudos sobre o agronegócio, balança comercial, modelos de equilíbrio e assuntos transversais, como mudanças climáticas. A participação nessas redes seria uma ótima oportunidade de compartilhamento de informações, divulgação de resultados e captação de recursos financeiros internacionais, dado a importância que o Brasil tem no tema e as diversas fontes como fundações, convênios, bancos internacionais etc.

### **2. Resultados e Discussão**

Um bom exemplo de rede internacional é a *Center for Global Trade Analysis (GTAP)*. Fundada em 1992 e sediada na Universidade Purdue, o GTAP apoia uma rede de 31.838 indivíduos envolvidos em análises quantitativas dos desafios do século XXI. Um consórcio de 31 instituições líderes internacionais e privadas fornece suporte financeiro básico e consultoria estratégica. Guiado por uma filosofia de colaboração no desenvolvimento de dados combinada com um mercado aberto para ideias em análise, o GTAP visa avançar o conhecimento e facilitar a tomada de decisões. Para esse fim, o GTAP reduz as barreiras à condução de análises de alta qualidade de questões globais, realiza pesquisas sobre questões urgentes com ramificações globais e serve como uma plataforma de discussão e disseminação de novas abordagens e ideias (GTAP, 2025).

Outra rede de destaque é a *Agricultural Model Intercomparison and Improvement Project (AgMIP)*. Desde 2010, a comunidade de especialistas do AgMIP vem avançando em métodos para melhorar as previsões sobre o desempenho futuro dos sistemas agrícolas e alimentares. O

AgMIP desenvolveu ferramentas e protocolos amplamente utilizados para análises harmonizadas de sistemas agrícolas usando os melhores modelos disponíveis. Ele também utilizou novos métodos para integrar cenários informados pelas partes interessadas em avaliações globais e regionais das perspectivas atuais e futuras da agricultura e dos sistemas alimentares, dadas as mudanças climáticas e outros problemas. As partes interessadas e os pesquisadores usam regularmente as ferramentas, métodos e projeções do AgMIP para avançar seu trabalho. O nome AgMIP enfatiza a importância da intercomparação para aprender sobre modelos e melhorar seus componentes. Estudos iniciais sobre sistemas de trigo, milho e arroz, bem como economia, resultaram em artigos de alto impacto de vários autores. A rede está motivando pesquisas que vinculam agricultura e uso da terra, nutrição, choques e muitos outros tópicos relacionados, com a participação ativa de cerca de 1.000 modeladores agrícolas e partes interessadas em todo o mundo (AgMIP, 2025). Outros exemplos de redes internacionais do agronegócio são: *Partnership for Economic Policy* (PEP) e *Social Hotspot Database* (SHDB), entre outras.

Com relação à captação de recursos financeiros, a situação do setor público brasileiro vem mudando nos últimos anos, apresentando redução contínua da participação do executivo federal no orçamento da União e aumento do direcionamento de recursos por meio de emendas parlamentares do legislativo. Esse fato, somando-se outros fatores macroeconômicos, tem resultado em volumes financeiros cada vez menores para a pesquisa nacional e conseqüentemente, o orçamento da Embrapa. Essa realidade faz com que a Embrapa tenha cada vez menos possibilidade de criar linhas de pesquisas específicas para a área de economia, tendo dificuldades com a contratação de novos profissionais da área via concurso público, abertura de chamadas internas como este foco e criação de setores que possam organizar e se dedicar ao tema.

O fato de algumas tentativas de criação de redes de socioeconomia na Embrapa não terem se perpetuado, embora tenham alcançado resultados relevantes, tem como explicação a falta de recursos financeiros, priorização institucional e recursos humanos. É sabido do potencial de pesquisadores e analistas da empresa formados na área, com experiências internacionais e formação de ponta. No entanto, a dependência dos recursos da instituição pode ser um limitante para o desenvolvimento de novas ações e da organização da proposta rede.

Sendo assim, a rede a ser criada precisa ter união e apoio institucional, mas, ao mesmo tempo, ter autonomia de atuação e independência financeira. Não pode ficar refém da criação de novos setores ou gerências da sede da Embrapa, tampouco depender da análise transversal de outras áreas de pesquisa, como a avaliação dos impactos das tecnologias feita pelo balanço social e a participação em atividades pontuais em projetos de pesquisas maiores. Da mesma forma, a nova rede tem a oportunidade de buscar novas fontes de financiamento, através da busca de recursos públicos, como emendas parlamentares, TEDs e editais externos, além de recursos vindo do setor privado, como parcerias com empresas e vendas de serviços como análises de mercado, coleta de dados e cálculos de indicadores econômicos.

### 3. Conclusões

Há diversos exemplos de grupos de pesquisa da área de economia para agricultura que possuem alto faturamento com esse tipo de parceria e venda de serviços financeiros. A demanda do mercado costuma ser alta e a associação do serviço com a marca Embrapa é uma excelente oportunidade para dar credibilidade e gerar novos negócios. Da mesma forma, a captação de recursos públicos tem muito potencial para o tema, devido ao apelo político institucional.

### 2. Resultados e Discussão

Seja como for, para todos os tipos de oportunidade de financiamento, a criação da rede é de suma importância, para demonstrar união dos diversos pesquisadores, possuir um plano de atuação, organização dos diversos trabalhos e maximizar o uso considerando as diferentes cadeias produtivas do agro nacional. Esse trabalho em conjunto abrirá muitas portas para novos trabalhos e levará a Embrapa a outro patamar no *agribusiness* internacional.

Por fim, a sugestão é que a implantação da nova rede, o planejamento das ações de captação de recurso e a organização dos profissionais da área sejam feitos em fases, iniciando-se com poucas cadeias produtivas e com projetos pontuais. Atualmente, a Embrapa possui estudos e projetos de economia em nível e estágio avançado para algumas cadeias e essas temáticas podem ser um piloto inicial. À medida que as ações forem evoluindo, o grupo terá a oportunidade de ampliar suas ações, apresentar os resultados e conseguir novos parceiros e negócios na área.

#### 4. Referências

AgMIP - Agricultural Model Intercomparison and Improvement Project. **Overview**. Disponível em <<https://agmip.org/overview>> e consultado em 10/03/2025.

GTAP- Global Trade Analysis Project. **About GTAP**. Disponível em <<https://www.gtap.agecon.purdue.edu>> e consultado em 10/03/2025.

PULJAK, L.; SANDOR G.V. Significance of research networking for enhancing collaboration and research productivity. **Croat Medicine Journal**, V. 55, N.3. P.181-3, 2014.

Cunha-Melo, J.R. Indicadores efetivos da internacionalização da ciência. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, V.42, N.1, P.20-5, 2015.

### 3. Rede de Pesquisa em Socioeconomia da Agricultura: Proposição, Estruturação e Potencial Estratégico para o Setor Agropecuário Brasileiro, Guilherme Cunha Malafaia.

#### 1. Introdução

A agropecuária brasileira consolidou-se, nas últimas décadas, como um dos pilares estratégicos da economia nacional e uma das mais competitivas mundialmente (Embrapa, 2024). Todavia, esse protagonismo enfrenta desafios emergentes, como a estagnação da Produtividade Total dos Fatores (PTF), as mudanças climáticas e a crescente complexidade das cadeias de valor agrícola (Embrapa, 2024). Diante desse cenário, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) propõe a criação **Rede de Socioeconomia na Agricultura (RSA)** como um arranjo organizacional capaz de integrar esforços institucionais e interinstitucionais em torno da produção e disseminação de conhecimento socioeconômico aplicado ao setor agropecuário.

#### 2. Objetivos

A **RSA** tem como objetivo geral fortalecer a capacidade institucional da Embrapa em inteligência estratégica, mediante a realização de estudos socioeconômicos voltados à formulação de políticas públicas, à orientação estratégica do setor produtivo e ao apoio às ações corporativas da própria Embrapa. Especificamente, busca-se:

- Executar estudos sobre impactos socioeconômicos nas cadeias de valor da agricultura brasileira, com foco em sustentabilidade, inovação e inclusão produtiva.
- Constituir e gerir bases de dados e metodologias de análise socioeconômica aplicáveis aos sistemas agroalimentares nacionais e regionais.
- Estabelecer parcerias com instituições científicas, tecnológicas e de ensino, nacionais e internacionais, promovendo redes de colaboração e intercâmbio de informações estratégicas.
- Apoiar tecnicamente a Diretoria Executiva da Embrapa (DE) e suas Unidades Descentralizadas (UDs) na construção de agendas corporativas e políticas institucionais.

#### 3. Fundamentação Teórica

A proposta da **RSA** fundamenta-se nos conceitos de redes colaborativas e inteligência estratégica aplicados a sistemas complexos (Embrapa, 2024). Conforme ressaltado por Alves (2001), a análise socioeconômica deve integrar-se ao processo de pesquisa agropecuária como elemento crítico para a seleção de prioridades, a avaliação de impactos e a recomendação de políticas públicas e tecnologias. A experiência internacional indica que estruturas análogas — como o *Economic Research Service (ERS/USDA)* e o *Center for Global Trade Analysis (GTAP)* — cumprem papel fundamental no suporte às decisões estratégicas no setor agrícola (Embrapa, 2024).

O fortalecimento de uma rede de pesquisa socioeconômica integrada e multidisciplinar está amparado, também, nas lições das iniciativas anteriores da Embrapa, que apontaram a necessidade de uma governança robusta, participação colaborativa e articulação com atores externos (Tollini, 2008; 2009).

#### 4. Metodologia

A metodologia de estruturação da Rede adotou uma abordagem analítica e participativa, conduzida por Grupo de Trabalho (GT) instituído pela Resolução EMBRAPA/ DEPI Nº 32/2024. As etapas metodológicas incluíram:

- **Análise Documental:** Levantamento das experiências pretéritas de fortalecimento da área de socioeconomia na Embrapa (Embrapa, 2013; 2019).
- **Diagnóstico Situacional:** Mapeamento das competências internas, identificação de gargalos (e.g., escassez de recursos, descontinuidade de políticas institucionais) e análise da distribuição regional dos profissionais da área (Embrapa, 2024).
- **Definição Estrutural:** Proposição de governança com Comitê Gestor, Coordenação Central e Pontos Focais nas UD's, articulada à Superintendência de Estudos Estratégicos (SUEST) e ao futuro Centro de Agointeligência (AGROi) (Embrapa, 2024).
- **Agenda Corporativa:** Planejamento de ações, incluindo análises de conjuntura, estudos sobre impactos de eventos extremos, oficinas temáticas e o evento “Embrapa Day” (Embrapa, 2024).

## 5. Resultados e Discussão

A estruturação da RSA reflete a convergência de recomendações advindas de processos anteriores de diagnóstico e planejamento (Embrapa, 2013; 2019; Tollini, 2008). A governança proposta inclui:

- Comitê Gestor com representantes das cinco regiões brasileiras.
- Núcleo de Assessoria de Inteligência Estratégica vinculado à DE.
- Agenda Anual Corporativa com entregas alinhadas aos portfólios estratégicos da Embrapa (Sistemas Agropecuários Resilientes, Transformação Climática e Ecológica, Economia Verde, entre outros).

A Rede visa superar desafios históricos, como a descontinuidade de iniciativas estratégicas, a dispersão das equipes e a limitada integração das análises socioeconômicas ao ciclo de inovação da Embrapa (Tollini, 2009; Alves, 2001). O modelo em rede busca promover sinergia, aumentar a eficiência e potencializar os impactos da pesquisa aplicada à tomada de decisão no agro brasileiro.

## 6. Conclusões

A implantação da **RSA** da Embrapa constitui um passo estratégico para a consolidação da empresa como protagonista na produção de inteligência socioeconômica aplicada ao desenvolvimento agropecuário sustentável. A proposta apresenta-se como fundamental para reposicionar a socioeconomia como eixo estruturante da inovação e para assegurar a sustentabilidade econômica, social e ambiental da agricultura brasileira.

Contudo, para o sucesso da iniciativa, são indispensáveis: o comprometimento institucional com a recomposição dos quadros técnicos, a captação de recursos financeiros estáveis e o fortalecimento das parcerias interinstitucionais, nacionais e internacionais.

## 7. Referências

- Alves, E. (2001). *Considerações sobre a atuação da Embrapa na avaliação de tecnologias*. Embrapa Informação Tecnológica.
- Buainain, A. M., Alves, E., Silveira, J. M., & Navarro, Z. (2014). *Sete lições sobre a inovação no agro brasileiro*. Brasília: Embrapa.
- Dias, M. M., Pedroso, A. M., & Gasques, J. G. (2020). *Produtividade Total dos Fatores na Agricultura Brasileira*. Embrapa.

- Embrapa (2013). *Relatório da força-tarefa da área de socioeconomia: recomendações e propostas para a Diretoria Executiva*. Brasília: Embrapa.
- Embrapa (2019). *Nota Técnica: Diagnóstico da Área de Socioeconomia da Embrapa e Propostas de Fortalecimento*. Brasília: Embrapa.
- Embrapa (2024). *Relatório Técnico - Grupo de Trabalho de Estudos Estratégicos*. Brasília: Embrapa.
- Tollini, H. (2008). *Diagnóstico e Propostas para a Área de Socioeconomia da Embrapa*. Brasília: Embrapa.
- Tollini, H. (2009). *Proposta de Programa de Trabalho para Socioeconomia na Embrapa*. Brasília: Embrapa.